

# CAMILA SOSA VILLADA

## SOU UMA TOLA POR TE QUERER

Da autora de  
O parque das  
irmãs magníficas



CAMILA  
SOSA VILLADA  
SOU UMA TOLA  
POR TE QUERER

*Tradução*

Joca Reiners Terron

Camila Sosa Villada, 2022  
Copyright © Tusquets Editores, S.A., 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Joca Reiners Terron  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Soy una tonta por quererte*

*Preparação:* Maitê Zickhur

*Revisão:* Débora Dutra Vieira

*Projeto gráfico:* Jussara Fino

*Diagramação:* Márcia Matos

*Capa:* Adaptada do projeto gráfico original de Compañía por Fabio Oliveira

*Ilustração de capa:* Paula Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Villada, Camila Sosa

Sou uma tola por te querer / Camila Sosa Villada; tradução de Joca Reiners Terron. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

208 p.

ISBN 978-85-422-1959-3

Título original: *Soy una tonta por quererte*

1. Ficção argentina I. Título II. Terron, Joca Reiners

22-5567

CDD Ar860

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção argentina



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

## Sumário

|     |                                       |
|-----|---------------------------------------|
| 7   | OBRIGADA, DEFUNTA CORREA              |
| 19  | NÃO FIQUE TEMPO DEMAIS NO ATOLEIRO    |
| 41  | A NOITE NÃO VAI PERMITIR QUE AMANHEÇA |
| 53  | SOU UMA TOLA POR TE QUERER            |
| 101 | A MERENDA                             |
| 107 | MULHER TELA                           |
| 123 | A CASA DA COMPAIXÃO                   |
| 153 | COTITA DE LA ENCARNACIÓN              |
| 165 | SEIS TETAS                            |

## Obrigada, Defunta Correa

No final de novembro do ano de 2008, Don Sosa e La Grace viajaram ao santuário da Defunta Correa em Vallecito, a menos de cem quilômetros da cidade de San Juan. Ainda não tinha amanhecido quando La Grace pôs na cesta de vime a garrafa térmica com água quente e o conjunto de mate, os bolinhos que assou no dia anterior para comer durante a viagem, os sanduíches de milanesa, o cooler com refrigerante e algumas latas de cerveja para Don Sosa, e, dentro de sua carteira, uma medalha de prata que me deram na escola por ser bom aluno.

Don Sosa ficava nervoso quando tinha de dirigir por tantos quilômetros. Estivera toda a semana dentro de seu carro verificando o motor para que funcionasse à perfeição, esquartejando-o, fazendo transplantes nele e substituindo velhas mangueiras por novas, para não ter problemas na estrada e não pagar os conhecidos subornos que a polícia rodoviária das províncias cuyanas exige dos turistas. La Grace costumava promover cenas que podiam terminar em

discussões bravíssimas por causa da maneira que Don Sosa batia na roupa com aquela boina. As calças cheias de graxa, as camisas de sair com manchas pretas. Pouco importava o que estava vestindo: se o seu carro precisava de revisão, arregaçava as mangas e dava uma de mecânico. “E quem lava é a tonta”, dizia La Grace.

Partiram de Mina Clavero. Atravessaram o Valle de Traslasierra escutando música folclórica, tomando mate, cada qual fazendo piada com o outro como um casal acostumado a sair de viagem, um casal que gosta de viajar. Pegaram esse hábito desde que vim estudar em Córdoba e eles voltaram a ficar juntos após uma separação de mais de um ano. Mas o destino era novo, isso sim, nunca tinham ido ao santuário da Defunta Correa.

O calor de Villa Dolores os deixou de mau humor e, quando o sol começou a subir no céu, chegando em La Rioja, desentenderam-se por coisicas de nada, discussões por ninharias que sempre tiveram.

Don Sosa dirigia muito bem. E era um baita boca-suja nas rodovias. Toda vez que algum motorista cometia uma infração, o xingava de cima a baixo, mandando lembranças para sua mãe, suas avós e suas irmãs. Às vezes também lhes desejava a morte e La Grace o repreendia como a uma criança.

— Mas você vai xingando desse jeito na estrada? Não se cansa de xingar?

Se aparecia uma capelinha para recordar alguma batida com mortos na margem do caminho, ou a estátua de algum santo, daí Don Sosa se benzia todo e fazia promessa.

— Curita Brochero, acompanhe-nos na viagem. Amém, Gauchito Gil, cuida de nossa viagem. Virgencita del Valle, a ti me entrego.

La Grace não suportava a cafonice papa-hóstia do marido. Era uma mulher ressentida com a Igreja Católica. Uma vez ela assistiu à missa, no primeiro dia em que atuei como coroinha e segurei as hóstias para que o padre Pedernera desse a comunhão aos paroquianos. Tinha se confessado e estava um pouco nervosa de ver seu bebê auxiliando o sacerdote atrás do altar. No momento de receber o corpo de Cristo e beber seu sangue, do alto dos dois ou três degraus mais para cima onde estavam o padre e o seu próprio filho maricas que debutava como coroinha, em vez de hóstia e talagada de vinho, recebeu uma mão peluda que a retirou da fila. E a voz do padre:

— Você não pode comungar.

— Por quê? — perguntou La Grace com um brilho úmido nos seus olhos enormes.

— Porque vive em concubinato. E isso é pecado.

La Grace se retirou em silêncio e fumou um cigarro atrás do outro nas escadarias da entrada da Igreja do Perpétuo Socorro de Mina Clavero, até terminar a missa e eu sair. Enquanto descíamos a ladeira empurrando nossas bicicletas ao lado, La Grace, conservando o mesmo brilho doloroso com que indagou sobre seu exílio, me disse:

— Não volto mais.

E nunca mais voltou a uma missa e, pouco a pouco, foi pegando raiva de assuntos católicos. Conservava a fé que herdara de sua avó pela Virgen del Valle, porém se afastou para sempre das crenças que até então tinham orientado sua vida.

Não sei muito bem como, muitos anos depois, chegou a eles o boato sobre a Defunta Correa. Talvez o vento dos Andes tenha soprado a outro vento que chegou aos ouvidos de meus pais e lhes cochichou sobre o grande poder de

Deolinda. É possível que o tenham difundido como um assunto pagão, de alguma maneira liberado das correias do catolicismo. E um dia foram vê-la.

Deolinda Correa é uma santa popular que certa noite, antes de fazer milagres, perseguida por um bebum valentão do vilarejo, teve de fugir com seu filho de poucos meses nos braços. Cruzou o deserto saindo de Angaco com a intenção de chegar a La Rioja, para onde seu marido fora levado por uma milícia durante a guerra civil. Se pôde levar duas gotas d'água com ela foi muito. Só levou seu pavor e seu bebê. O desespero funcionou melhor que ser prevenida, e logo se viu correndo de sandálias pelo deserto no meio de uma noite tão clara que dava para ver até debaixo da terra. O deserto é traiçoeiro. E uma vez que a água acaba e se vai a pé sob o sol que a odeia e se está perdida e alguém chora no seu peito e você se arrepende de ter fugido do filho da puta que a perseguiu até obrigá-la a fugir como uma ratazana, só resta se render. Xingar o cretino do seu marido e dizer chega. Abrigar-se sob o desamparo e deixar que o cansaço e a sede façam o resto. Apertando seu filho contra o peito. Delirando e dando seus últimos suspiros nas explosões de luz acima da poeira ardente.

Sobre o corpo sem vida de Deolinda pairavam algumas aves de rapina, negras e fatídicas. Na distância, alguns pastores viram a ronda da morte e pensaram que alguma cabra, que algum cordeiro havia ficado no deserto, e foram até a área onde rondavam os urubus. Mas não encontraram nenhum animal. Encontraram Deolinda Correa morta e seu bebê preso ao peito, mamando, ignorando a fatalidade que o cercava.

O primeiro milagre.

Desde então, a figura da Defunta Correa ganhou uma dimensão de santidade que escapou à Igreja Católica, e foram-se assentando as pedras do que seria um santuário muito popular onde gente muito humilde deixa oferendas de sua fé. Miniaturas de casas, vestidos de noivas, ramos de flores de plástico, placas de prata e de bronze, relógios, pingentes, cruzes, fotografias, garrafas d'água.

O que Don Sosa e La Grace foram fazer naquele lugar depois de atravessar um deserto inteiro num descascado Renault 18, quase no final de 2008? Foram pedir que sua filha travesti achasse um trabalho melhor. No que trabalhava sua filha travesti? Era prostituta, evidentemente. Tinha ido estudar Comunicação Social e Teatro em Córdoba, mas acabou virando puta. Eles não sabiam, mas no inverno daquele ano dois clientes tinham dado um mata-leão na filha deles e roubaram todas as posses de sua pobreza: um televisor antigo que perdera a cor, um DVD emprestado, um aparelho de som e o carregador de seu celular. Também os quarenta pesos que carregava na carteira. Amarraram-na com sua própria roupa enquanto se encontrava desmaiada e, ameaçada com uma faca de serra, os dois ladrões a foderam, sem violência, só que durante toda uma longa noite. Ao amanhecer, um taxista amigo passou para buscá-los e ela ficou amarrada e humilhada no seu quarto de pensão.

Don Sosa e La Grace nem sequer imaginavam os coquetéis com que sua filha invocava o sono e a indolência, nem a eterna aridez em que transcorriam seus dias, seus dias no deserto. Dizem por aí que as mães sabem de tudo. Mas La Grace não estava preparada para saber nada. Em seu coração

de dona de casa, só havia lugar para a suspeita de que sua filha não estava nada bem, que talvez andasse metida em coisas estranhas, mas não queria dizer a palavra prostituição e se negava a pensar mais além. Don Sosa tinha o coração menos esquivo. Por isso andava tão zangado com a filha.

La Grace conta que no dia em que foram ao santuário da Defunta Correa chorou assim que viu o primeiro penitente subir a ladeira de joelhos e com olhos banhados em lágrimas. Imaginou as promessas feitas, por uma casa, para que uma cirurgia saísse bem, por um trabalho desejado, pelo regresso de um grande amor, e se emocionou. Chorou junto com Don Sosa, porque a impotência os deixava no meio do deserto, pedindo a uma santa que fizesse o trabalho que eles não puderam fazer.

Depois de comer, Don Sosa e La Grace subiram a colina, até o altar onde uma imagem da Defunta Correa descansa rodeada de vestidos de noiva que os romeiros vão deixando como pagamento pelo milagre alcançado. Levavam garrafas plásticas cheias d'água e uma medalhinha que sua filha travesti ganhara no ensino médio. Que consiga um bom trabalho, Defuntinha Correa, que deixe o mal que estiver fazendo agora e que sua vida mude.

Do lado de fora, o vento dos Andes se enroscou em si mesmo, se lançando depois a percorrer os mesmos desertos que secaram Deolinda em sua fuga e chegou até Córdoba, a capital.

Três meses depois, a filha travesti de Don Sosa e La Grace, ou seja, eu – na escrita é inútil disfarçar uma primeira pessoa, pois os escritos começam a adoecer a partir de três ou quatro parágrafos –, estreava *Carnes Tolendas*. Porque além de gostar de ser puta, também gostava de teatro.

María, que era uma das minhas melhores amigas, me convidou para participar do seu trabalho de graduação em Artes Cênicas. Precisava montar uma peça e lhe dar uma base teórica. Pedimos auxílio a Paco Giménez, que foi nosso professor de interpretação no terceiro ano da Escola de Teatro da Universidade, e começamos a preparar aquela bruxaria que foi *Carnes Tolendas*. Colocamos um subtítulo irônico: *Retrato encenado de uma travesti*. Mas nossa ironia não foi entendida. Na peça, contava como meus pais e o povoado receberam minha decisão de ser travesti. Por sugestão de Paco Giménez, misturamos esse perfil biográfico com alguns personagens das peças de Federico García Lorca.

Levamos quase um ano e meio para botar de pé aquele monstrego. Às vezes, María passava pela pensão para me levar ao ensaio e me encontrava pior que um cristo, depois de passar uma noite péssima, com os olhos empelotados de rímel, com rastros de baba alheia pelo corpo todo, morta de fome. Comprávamos algo para comer no teatro e, mal me recuperava, costumávamos cenas da minha adolescência com textos de García Lorca.

— Uma travesti conhece a solidão, como dona Rosita, a solteira. Uma travesti conhece o autoritarismo e a falta de liberdade, como em *A casa de Bernarda Alba*. E por acaso não existem travestis que querem ser mães, como Yerma? E não vivem paixões desesperadas, como os amantes de *Bodas de sangue*? As travestis que foram fuziladas ou assassinadas, assim como Federico García Lorca — dizia Paco, e a gente quebrava a cachola para fazer bem, e montar uma peça de teatro que ficasse legal.

Uma vez ele me falou num ensaio:

— Sei como é a sua alma. Sua alma é tênue.

*Carnes Tolendas* durava aproximadamente cinquenta minutos e terminava com um nu frontal meu de frente para uma plateia que não podia acreditar que estava vendo uma travesti fazer aquilo. Maria se formou em Artes Cênicas com nota dez e elogios rasgados. A peça nos custou pouco dinheiro. Costurei o figurino, usávamos poucos objetos, bigodes, algumas flores de plástico e uma coroa de noiva. Tínhamos pensado em fazer oito apresentações durante dois meses. Uma apresentação por final de semana.

Na primeira apresentação apareceram amigos, parentes, colegas da faculdade. Devem ter sido umas trinta pessoas. Na segunda apresentação foram cinquenta espectadores. Na terceira foram oitenta, e na quarta apresentação as pessoas voltaram para casa porque não tinha lugar para assistir sentado.

No primeiro sábado de março do ano de 2009 estreamos com *Carnes Tolendas*. Depois de três meses da promessa dos meus pais feita à Defunta Correa. As críticas não podiam ser melhores. Me entrevistavam na televisão e nos jornais. A peça viajava de boca em boca e gente que nunca tinha ido ao teatro chegou para verificar qual era a do boato. O público se acotovelava na porta de cada teatro onde nos apresentávamos. Comecei a desconfiar que ser atriz seria suficiente, que estava cansada do *trottoir* e que a vida me dera claros sinais de que me faltava inteligência para sobreviver como prostituta. Talvez fosse hora de seguir a sorte. Com o que ganhava em cada apresentação, paguei todos os meses de aluguel atrasado na pensão onde vivia, e comprei de volta o que me roubaram aqueles filhos da puta no ano

anterior. Nunca imaginei que La Grace e Don Sosa tinham feito uma promessa para a Defunta Correa em meu nome. E, pelo visto, funcionou, pois como Mamma Roma disse, “Addio, bambole”, e caí fora da prostituição, rebolando forte para viver de cachê e não do bolso de um cliente.

Mas era o que precisava? Foi um milagre da Defunta? Era melhor ser atriz que prostituta? Não sei. Penso que não tinha talento para fazer dinheiro com meu bumbum. Era crédula e caipira, demorei a desenvolver o faro, não tinha tetas, era um desastre como puta, como se diz. E fazia a melancólica e sofria, pois era jovem e era carne para o desespero. Talvez agora fosse diferente. Talvez agora pudesse fazer melhor. Naqueles anos, porém, quando o milagre aconteceu, só havia incômodo. Às vezes, quando quero ser cruel comigo e com Don Sosa e La Grace, digo a mim mesma que uma telefonadinha teria sido legal. Mas eles foram até a Defunta Correa e o desastre que era minha vida criou ordem em camarins e palcos, viajando pelo país como uma companhia do século XX, levando a novidade do teatro mediterrâneo para cantos inesperados como Itá Ibaté ou a prisão de Bouwer.

Pouco tempo depois, fomos com La Grace e Don Sosa agradecer à Defunta por aquela virada de página. Antes de nos metermos no Renault 18 do meu pai, fizemos a promessa de nos tratar bem uns aos outros durante a viagem. Como família, era muito complicado dividirmos espaços fechados. Mas conseguimos.

— Olha só esse deserto, filha. Como é que a pobre Defunta não ia morrer de sede — disse La Grace enquanto me passava um mate.

— E o frio que faz de noite — acrescentou Don Sosa.

No santuário, me comovi com os romeiros assim como minha mãe na sua primeira visita. Com o jeito de pagar assuntos do espírito com o corpo. No final, tudo é supermístico e muito santo, mas quem trabalha de verdade é a carne. Também me chamou a atenção como era tremendamente sexy a imagem em gesso da Defunta Correa. Ao vê-la, pensei que a atriz Coca Sarli a teria interpretado de modo inesquecível no cinema.

— Como a Defunta é sexy! — falei ao pé do ouvido de La Grace. Tivemos um ataque de riso e Don Sosa nos obrigou a sair do lugar. Ao olhar para ele, nos demos conta de que andou chorando.

La Grace viu *Carnes Tolendas* muitas vezes. Don Sosa só uma, quatro anos após a estreia. Assistiu à peça em Catamarca. Uma turnê coincidiu com a romaria que então eles faziam todos os anos. Ao terminar, La Grace veio ao camarim cheia de preocupação:

— Saiu sangue do nariz do seu pai durante toda a apresentação. Foi ao banheiro trocar de camisa porque ficou banhada em sangue. Ele ficou nervoso, acho. — A voz dela tremeu. — Para nós não é moleza ver essa peça.

Disse isso como se estivesse pedindo desculpas diante do grupo teatral.

Eu, de minha parte, fiquei sem voz. Nunca tinha acontecido comigo. Não sei se foi a turnê que me deixou muito cansada ou os nervos por atuar em frente ao meu pai, bastou começar e tive de pedir um microfone, pois não me ouviam.

Aquela noite os duendes dançavam ao nosso redor com ferocidade, abocanhando as cortinas.

Aos poucos e timidamente, enquanto terminava de me vestir e de guardar as coisas nas malas, apareceu aquele velho mau que me coube como pai. Vinha com toda a sua vergonha nas costas. Tinha sangrado durante toda a peça, em silêncio, recebendo as sarrafadas lorquianas. Nunca ninguém falou com ele daquele jeito sem levar porrada. Mas sua filha travesti e prostituta, a razão de sua promessa para a Defunta, contou para ele a sua versão do milagre.

O que aconteceu com o filho da Defunta Correa? Foi encontrado pelas travestis do Parque Sarmiento.

TUSQUEIS  
EDITORES